

**Rádice: muito prazer! Crônicas do passado e do futuro da
Psicologia no Brasil
(tese de doutorado, PPGPS/UERJ, defendida em 16/05/08).**

Alessandra Daflon dos Santos

O objeto de investigação da tese de doutorado foi a revista *Rádice*, produzida por psicólogos, estudantes de psicologia, artistas e jornalistas durante a segunda metade da década de 1970, no Rio de Janeiro.

O trabalho partiu da vontade de saber como a revista foi possível e como foi, para o grupo de colaboradores, produzi-la. A idéia que sustenta este trabalho é a de que existem movimentos instituintes¹ no campo da psicologia, e que a *Rádice* é um deles. Meu objetivo foi apresentar a trajetória desta revista-acontecimento irradiadora de idéias, pensamentos e discussões que marcaram determinado momento histórico da psicologia no Rio de Janeiro e, por que não dizer, no Brasil.

Esta pesquisa foi fruto de vários e significativos encontros que tenho feito desde a graduação até os dias de hoje – encontros que promoveram incômodos em relação a um certo sentido para a psicologia ou, pelo menos, permitiram desencontrar o sentido dominante que lhe é atribuído. Durante o período de elaboração da tese estive vinculada ao Clio-Psyché, Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia, onde se encontram pesquisadores de graduação e de pós-graduação, orientados por “Dona Clio” e “Dona Psyché”², e preocupados com os “fazeres e dizeres” da psicologia no Brasil. No encontro da psicologia com a história, esta tornou-se ferramenta de análise sobre a constituição do “universo psi” no Brasil.

De acordo com Jacó-Vilela, Jabur e Rodrigues (1999), o I Encontro Clio-Psyché – Histórias da Psicologia no Brasil, realizado na UERJ em 1998, deu origem ao programa de pesquisas, além de promover um intercâmbio entre professores e pesquisadores de outras instituições.

O Clio – como é carinhosamente chamado por todos – também se preocupa em organizar e produzir um sistema de informação, como a

criação do acervo áudio-visual e também bibliográfico. Centros, núcleos ou programas como esse têm surgido em outros estados brasileiros, como Minas Gerais e São Paulo, com o objetivo não apenas de organizar material sobre história da psicologia no Brasil, mas de produzir conhecimento, traduzido como um vasto material escrito, visual e em áudio sobre essa temática.

Esse movimento, esse grande esforço, embora esbarre em dificuldades de toda ordem – o parco financiamento das agências de fomento que não privilegiam as pesquisas no campo das Ciências Humanas; as dificuldades institucionais para conseguir material de trabalho como computadores, livros e outras ferramentas, além do espaço físico que hoje tem sido pequeno para a quantidade de alunos que desenvolvem inúmeras atividades na sala 10.120 do bloco F, da UERJ (como grupos de estudo, orientações, relatórios, pesquisa, etc.) – tem feito com que os psicólogos possam se encontrar com múltiplas histórias sobre a institucionalização desse campo no Brasil e também com as tensões e questionamentos que emergiram desse processo.

O Clio é um espaço multidisciplinar onde a história e a psicologia se encontram, fazendo com que ultrapassemos os limites estabelecidos institucionalmente por nossa formação acadêmica. Das técnicas de formação, comprometidas com a reprodução dos especialistas e seus especialismos, adquirimos o hábito do respeito aos limites do campo ao qual nos sentimos pertencentes. Aos psicólogos, a psicologia! A qualificação universitária contemporânea nos encerra dentro de um campo disciplinar. Por um lado, ultrapassar os limites pode significar, ao mesmo tempo, a renúncia a determinado “conhecimento” e a desqualificação, pois não se está autorizado à utilização de ferramentas “estranhas” ao campo que lhe é próprio. Por outro lado, Ewald (1996) incita-nos a pular os muros e propõe que, para conhecermos a psicologia, devemos nos encontrar com a sociologia, com a antropologia, com a filosofia, com a arte e com a história. Diante desse impasse, deve-se correr o risco.

Foi na sala do Clio que ocorreu meu primeiro encontro com a revista *Rádice*. Procurando na biblioteca do Programa textos relacionados à dissertação de mestrado que elaborava na época, esbarrei com a revista e me apaixonei. Muito esforço foi feito para não abandonar o tema original da dissertação – que já se encontrava com a pesquisa realizada – e me dedicar exclusivamente à nova paixão.

Surpreendi-me com ela ao reconhecer ali um movimento diferente do que ouvia e lia sobre a psicologia nos anos 70 do último século. Ao contrário dos *Guardiões da ordem*³, encontrei psicólogos rompendo com uma forma de compreender a psicologia que era hegemônica naquele período, criticando seu modelo positivo-científico e biológico, ultrapassando seus limites, promovendo encontros de toda ordem, de coisas diferentes, apresentando uma novidade, algo fresco e vigoroso. Interessei-me por tal força, pela intensidade, pela criatividade, pela audácia, pelo riso, pela crítica, dizendo, sem ter medo, que era possível fazer diferente e fazer diferença.

Para documentar a existência da *Rádice*, mesmo correndo o risco de paralisá-la no tempo, congelando-a feito passado em uma tese de doutorado, orientei-me por dois “efeitos-Rádice”⁴: o primeiro relaciona-se com as memórias construídas em torno da Revista. Quando falo dela, percebo forte emoção nas pessoas e logo surgem memórias e histórias sobre a festa de que participou, o simpósio no Parque Lage, os artigos que leu, a primeira vez que teve contato com a *Rádice*. São interessantes as marcas que deixou em seus leitores e colaboradores, na memória que cada um guardou daquela experiência, não confundindo com uma memória “pessoal”, já que os elementos sociais, culturais e políticos constituem essa memória, tornando-a sempre memória coletiva.

São vários os “dizeres” sobre a *Rádice*. Algumas pessoas se referem a ela como uma revista de “bioenergética”, outras, como de “psicologia”, ou de “terapias corporais”, ou “aquela do Reich”, ou, ainda, como “porralouca, mas muito legal”. Uma grande comoção misturada com lembranças

de aventuras vividas que se atualizaram no momento dos depoimentos para este trabalho.

Inicialmente me perguntava: como algo de que as pessoas se lembram de forma tão carinhosa e emocionada foi abandonado ou esquecido, guardado, empoeirando nos armários ou nos “baús de espantos”?

O outro “efeito” se direciona aos alunos de psicologia que, como eu, não conheciam a Revista. Ela nos encheu de vontade de fazer alguma coisa tão vigorosa, tão potente. Como inventar novas práticas no campo da psicologia?

Compreendo a Revista como uma expressão de um campo político-cultural marcado pelos movimentos de contestação e de resistência que eclodiram no ano de 1968. Pergunto então: como um campo do conhecimento – a psicologia – comprometido com a produção de normatização social, de controle das condutas dos sujeitos, com a testagem dos indivíduos, com a produção e afirmação de rótulos e estereótipos, foi parar no “campo das resistências”, das lutas contra o pensamento dominante, do enfrentamento da ordem? Ou terá sido a força desses movimentos que invadiu os espaços bem constituídos e delimitados da vida, retirando as coisas, a psicologia, de seus lugares e interrogando-as?

Rádice surgiu a partir da vontade do psicólogo Carlos Ralph⁵, ou Cê Ralph, como assinava nos editoriais e matérias, e de um grande número de colaboradores. Este grupo, além de muito grande, era também heterogêneo, expressando uma das marcas da revista – sua diversidade, pluralidade e polifonia.

Carlos Ralph formou-se em psicologia em 1975 pela UFRJ. Logo em seguida, iniciou o curso de Mestrado em Comunicação Social na Fundação Getúlio Vargas. Ao mesmo tempo, começou a lecionar na Universidade Gama Filho (UGF). Saiu da UGF para aquilo que chamou “um salto de pára-quadras”, sua aventura-*Rádice*. Segundo Ralph, todo o processo de construção e realização da Revista o tomou: ele, um ex-militante da Ação

Popular (AP)⁶, que fora torturado pelos órgãos de repressão, estava construindo um veículo de comunicação para poder se expressar. O país vivia sob o regime de exceção imposto por um golpe de Estado articulado pelas Forças Armadas. Foram quatro anos e sete meses de intensa dedicação para manter a revista viva e crescendo, o prazer de escrever e a descoberta da arte gráfica – o que fica muito claro nas páginas da *Rádice*.

A Revista foi palco de debates sobre temas variados, muitos deles até então não compreendidos como relativos ao campo “psi” (psicologia, psicanálise e psiquiatria). Em suas páginas lê-se sobre as relações de poder no campo da medicina, a psiquiatria preventiva, a educação, a cientificidade da psicologia, o uso de drogas, o preconceito racial, sexo, casamento, macumba, prisões e desaparecimentos de presos políticos no Brasil e na América Latina, os efeitos da tortura, as transformações no campo da saúde mental no Brasil e em outros países, a experiência da antipsiquiatria, além de entrevistas e matérias com inúmeros autores conhecidos no cenário brasileiro como Nise da Silveira, Luiz Alfredo Garcia-Roza, Gilberto Velho, Samuel Chaim Katz, Jurandir Freire Costa, Eduardo Mascarenhas, Hélio Pellegrino, e, também, nomes internacionais Ronald Laing, Franco Basaglia, Félix Guattari, Wilhelm Reich, Carl Rogers.

O período em que a revista *Rádice* foi produzida compreende o momento no qual os movimentos sociais e populares materializavam a denúncia dos atos violentos da repressão, reivindicando o fim da ditadura militar; a volta dos exilados; a cobrança de respeito aos direitos humanos feita ao governo brasileiro pelos organismos internacionais; as transformações no campo da saúde que serviriam de base para a organização de movimentos singulares como o sanitarista e a luta antimanicomial, nos anos 80; as mudanças nas expressões culturais e nas formas de compreensão e organização da luta política, conformando novos modos de resistência.

A Revista teve 15 números, contando ainda com dois extras: a edição de comemoração de 4 anos e a edição *Rádice* Teoria/Crítica, uma

publicação voltada para a divulgação de textos considerados mais acadêmicos, que teve somente um exemplar.

A crítica, o bom-humor, o riso são marcas desta “Revista menina”⁷, que participava do Comitê de Imprensa Alternativa. No Brasil, na segunda metade dos anos setenta, houve um *boom* de publicações chamadas “nanicas”. Antes mesmo deste *boom*, ainda nos anos 60, dois jornais tornaram-se emblemáticos desse tipo de imprensa, *O Sol* e *O Pasquim*, por questionarem não só as questões relativas à política brasileira, mas também o próprio modelo de imprensa que havia. Essas publicações reuniam, além de jornalistas, escritores, poetas, cartunistas, pessoas ligadas aos meios de produção cultural do país.

O esforço na construção (e manutenção) de uma revista como essa, em períodos tão difíceis, é, por isso só, um ato de resistência. Ela pôde ser percebida como um instrumento, uma ferramenta para o protesto, a ironia, a irreverência, a denúncia, o pensamento, a provocação, o encontro, o riso.

Ao mesmo tempo que a revista apresentava características regionais, pois foi feita no Rio de Janeiro, irradiou para outros lugares e espaços, não só porque teve uma distribuição nacional através da organização dos grupos sucursais (mesmo precariamente), mas porque os temas explorados faziam parte do debate da época de questionamento da psicologia.

Como dito, a pesquisa objetivou contar a trajetória da revista, mapeando movimentos nos quais se engajou, rompendo com o que se encontrava consolidado, constituindo futuros possíveis.

Não houve a preocupação, no trabalho, com a escritura de uma história verdadeira sobre a *Rádice*, muito menos construir sua “história oficial”. Foi uma história possível, entre outras tantas que se seguirão. Aqui, de braços dados com Michel Foucault, afirmo a transitoriedade de qualquer verdade e que seu estabelecimento depende do momento histórico no qual é produzida.

A história (ou as histórias) sobre a *Rádice* que foram apresentadas também foram inventadas – histórias possíveis. Emergiram de uma interrogação no presente, que implica o questionamento sobre a psicologia e a formação, o envolvimento com instituições representativas da profissão, a constituição de novas práticas. Essas questões ganham destaque na medida em que, hoje, pensamos a psicologia como prática social, possível no campo das resistências, buscando formas de escapar aos modelos há muito naturalizados. A psicologia deve ser um instrumento de interpelação e análise das relações sociais e históricas e nossas implicações com o mundo. Ao abrir a *Rádice*, o que nos fez apaixonar foi perceber nela tal afirmação, da psicologia como resistência: a Revista torna-se, assim, instrumento de atualização das questões do presente.

Ao delimitar a revista como objeto, iniciei um movimento de “rasgá-la” em pedaços para compreendê-la: sua organização, os temas abordados, o lugar das pessoas que se envolveram com ela. Elaborei mapas com resumos do conteúdo de cada número. Isso me ajudou a conhecer seus temas, saber seu conteúdo e a localizá-lo quando necessário – especialmente durante as entrevistas. Também fiz uma extensa lista com todos os nomes que aparecem nos expedientes de todos os números, qualificando-os, ou seja, dizendo onde aparecem, em quais números, a “função” e suas mudanças, se fizeram matérias, resenhas, notas, etc.

Também estabeleci modos diferentes de lê-la: primeiro, fazia uma leitura geral, sem parar e sem me preocupar com anotações. O objetivo era criar uma idéia geral sobre cada número. Em seguida, já preocupada com os registros, pois aí a Revista torna-se fonte, concentrava-me na leitura dos editoriais e da seção “Geralmente”, desta vez com dois objetivos: primeiro, nesses dois espaços da revista encontram-se dados referentes ao momento histórico, relacionando *Rádice* com o tempo; segundo, para relacionar uma revista com a outra, constituindo mapas

comparativos, para saber as especificidades estruturais de cada publicação.

Não existe documento oficial sobre a *Rádice*, a não ser o seu registro no DCDP/DPF (Divisão Cultural de Diversão Pública/Departamento de Polícia Federal) e a Revista materialmente. Isso fez com que tivesse que escolher ferramentas auxiliares na construção do trabalho. Por isso, a necessidade dos depoimentos daqueles que fizeram a revista e, também, dos que se encontravam ali no mesmo campo das resistências.

Outra estratégia metodológica foi a realização de entrevistas, ou depoimentos como prefiro chamá-las atualmente. Entrevista parece algo oficial, que tem um roteiro prévio estabelecido para orientar a análise das respostas dadas e a formalização como documentos. Depoimento me soa menos tenso, menos rigoroso, no sentido do desrespeito a formas instituídas de se realizar uma pesquisa. Não estabeleci roteiro, pedia somente que o depoente me contasse sobre sua formação, sua trajetória e seu encontro com a *Rádice* – era o que bastava. Esses depoimentos não foram analisados ou interpretados formalmente, foram instrumentos que me faziam vibrar.

Para os depoimentos levava, além do gravador, as Revistas, ação que chamei de “instrumento para suscitar memórias”. Quando o depoente havia colaborado com a Revista, tinha o cuidado de levantar tudo que havia feito, conforme estivesse registrado no corpo da revista e nos expedientes (nem sempre os colaboradores estão referenciados nos expedientes). A escolha dos depoentes ocorreu sob critérios diversos: ao esmiuçar a revista, localizei pessoas que se destacavam pela quantidade de trabalho, observada pelo número de notas e matérias. Nem todos foram localizados; aos que conseguia encontrar, pedia indicação de nomes para novos depoimentos. Para mapear os possíveis depoentes entre os que leram a revista e participaram dos simpósios e festas, contei com a colaboração de antigos professores e amigos.

Os depoimentos também foram importantes para conhecer as condições nas quais ocorria a produção da revista, sua manutenção, seus

objetivos, dificuldades e impasses, encontros e desencontros, alianças e rupturas, escolha das pautas, das matérias, das imagens que aparecem em suas páginas. Todo este movimento, possibilitou que a escritura da tese percorresse três capítulos.

No primeiro capítulo, denominado emergência, objetivei indicar as condições históricas que possibilitaram o surgimento da Revista, dividindo-as em dois momentos: primeiro, o período final da ditadura militar com a emergência dos movimentos sociais e a exigência da anistia; as transformações nas universidades brasileiras e a vida que borbulhava no campus. Segundo, descrevo meu objeto, os seus primeiros passos representados pelos quatro primeiros números publicados: o início da organização do grupo, como se encontraram, como produziram a revista, as dificuldades, desafios e atropelos para conseguir colocá-la no mundo. Os dados referentes às condições de produção da Revista estarão presentes em todos os capítulos, pois são efeito das mudanças que ocorreram no grupo, na captação dos recursos, etc. Para encerrar, os “primeiros incômodos” publicados em suas páginas: denúncias das violências institucionais, como as que ocorriam nos hospitais psiquiátricos e as formas de luta e resistência nesse campo, representadas pela Dr^a. Nise da Silveira e a história do boiadeiro messias Aparecido Galdino.

Com as questões relacionadas aos “alternativos”, apresento o capítulo dois, problematizando essa idéia de “alternativo” e afirmando as expressões singulares de modos de ver o mundo e de transformá-lo. Essa é uma fase mais propositiva da *Rádice*. É o momento de encontrar caminhos para a construção de novas formas de resistência e luta política. Como expressão desses modos resistentes, destaquei: as idéias de Wilhelm Reich, devido à grande importância que este autor teve nessa fase da Revista, permanecendo até o seu final; a imprensa alternativa e seu papel de difusora do pensamento da esquerda brasileira naquele período; o período da anistia e as denúncias de tortura que começavam a despontar nas páginas da imprensa alternativa e, claro, na *Rádice*, um dos primeiros veículos que publicou um número exclusivo sobre o tema.

Relato também duas experiências que considero singulares no campo da psicologia e das quais a *Rádice* participou: a mobilização contra as propostas de currículo para os cursos de formação em psicologia e a constituição do Sindicato dos Psicólogos no Rio de Janeiro.

Nesse capítulo foram analisados os números 5, 6, 7, 8, 9, e 10. É o momento em que *Rádice* se afirma como “revista de psicologia”, marcado por sua ampliação de várias formas: em cada publicação, um tema específico é tratado⁸; além de mudanças estruturais – muda o papel utilizado e a arte gráfica; o grupo torna-se mais organizado, definindo funções para todos; aumenta o número de páginas, o número de colaboradores; e a Revista passa a ser vendida em bancas de jornais, ampliando a circulação e ganhando maior visibilidade. Consideramos esse momento como o de afirmação política da Revista: estava mais engajada nas críticas ao governo ditatorial no Brasil e na América Latina, assim como também reproduzia severas críticas à formação universitária psi e à própria prática profissional.

No último capítulo, falo dos encontros que ocorreram ao longo da trajetória da revista – os simpósios alternativos no espaço psi, os ciclos Reich, as batalhas psicanalíticas, o encontro com o IBRAPSI (Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições) – e de sua metamorfose no jornal *Luta & Prazer*. Os números 11, 12, 13, 14 e 15 e alguns números do jornal *Luta & Prazer* foram as fontes para este capítulo.

Considerações finais

Realizar a tese fez com que me sentisse como um personagem do escritor Mario Vargas Llosa, do livro “O falador”. Esse personagem fazia parte de uma tribo indígena da amazônia peruana que tinha por função viajar pela floresta encontrando as famílias que a constituíam, pois era uma tribo nômade – as famílias que a compunham espalhavam-se pela floresta. Ao encontrar um grupo indígena daquela tribo, o “falador” contava o que tinha visto pela floresta, os encontros que tivera com as outras famílias daquela tribo e com outras tribos também, os perigos que

enfrentara, as histórias que ouvira... o falador falava misturado com aquilo tudo.

O principal objetivo do trabalho foi dizer, para quem não conheceu, que *Rádice* existiu. A tese pode ser chamada de tese-documento, pois nela encontram-se os registros que pude fazer sobre *Rádice* e uma sistematização desses dados. O trabalho serviu para mim de várias maneiras: para amadurecer idéias sobre a psicologia e a formação no Brasil; para me encontrar com aqueles que fizeram a revista ou a experimentaram de alguma maneira; para me tornar militante não de um partido ou grupo ou organização, mas em outro sentido, aprendendo a falar, a dizer; para perceber que é possível (e bem-vindo) o desrespeito pelos manuais e normas, para que outras formas de pensar e fazer as coisas surjam. Também foi fundamental perceber que a pesquisa não é para estabelecer a verdade sobre as coisas, a pesquisa é um processo de conhecimento. O cuidado que se deve ter é que o novo não deve virar manual, as práticas inventadas não devem se tornar modelos, mas devem ser entendidas como aquilo que foi possível em um determinado momento. O manual não serve, a vida transborda.

À intensa racionalização e normatização da vida, *Rádice* respondeu com a construção de novas possibilidades (de ver, ser, estar no mundo), afirmando que a vida é múltipla. Essa multiplicidade percebe-se nas narrativas sobre a revista que orientaram a construção do trabalho em forma de crônicas: sobre resistência, sobre singularidades, sobre os encontros.

Ao elaborar o trabalho, compreendi que o futuro da psicologia no Brasil estava ali no momento da emergência da *Rádice*. O que há de futuro? É a intensidade; um espaço de possibilidades, aberto ao tempo. Não é à toa que a revista tem potência e mobiliza os que a conhecem hoje. O enfrentamento do presente provoca desvios e é aí que emergem as coisas cheias de futuro. Essas percebem seu limite, pois não possuem a vaidade da permanência.

Rádice foi isso: uma grande invenção que se agenciou com o que havia de combativo e resistente, se conectou com o que tinha força para transformar, desrespeitando o que já havia, o sério, o “correto”, o desde sempre. Sua existência e trajetória foram singulares, não porque era “boa” ou a “melhor” ou “alternativa”, mas porque estava mergulhada em tensões e contradições. Foi intensa, ousou e não pediu licença para existir. É possível apaixonar-se por ela hoje por causa disso tudo. Não virou passado, não ficou conservada como lembrança. Para ilustrar e me fazer compreender melhor, cito um conto do argentino Cortázar intitulado “Conservação das lembranças”:

Os famas para conservar suas lembranças tratam de embalsamá-las da seguinte forma: após fixada a lembrança com cabelos e sinais, embrulham-na da cabeça aos pés num lençol preto e a colocam contra a parede da sala, com um cartãozinho que diz: ‘Excursão a Quilmes’, ou ‘Frank Sinatra’. Os cronópios, em compensação, esses seres desordenados e frouxos, deixam as lembranças soltas pela casa, entre gritos alegres, e andam no meio delas e quando passa alguma correndo, acariciam-na com suavidade e lhe dizem: ‘Não vá se machucar’, e também ‘Cuidado com os degraus’. É por isso que as casas dos famas são arrumadas e silenciosas, enquanto nas dos cronópios há uma grande agitação e portas que batem. Os vizinhos sempre se queixam dos cronópios, enquanto os famas mexem a cabeça compreensivamente e vão ver se os cartõezinhos estão todos no lugar. (CORTÁZAR, 2001, p. 102)

A *Rádice*-cronópio não virou passado nem mesmo para aqueles que a fizeram. As pessoas, ao falarem dela e de suas vidas, não falavam com nostalgia de algo que passou, falavam com alegria dos encontros que tiveram e de como se tornaram também cronópios.

Alessandra Daflon dos Santos
aledaflon68@gmail.com

Referências Bibliográficas:

- COIMBRA, Cecília Maria Bouças. *Guardiães da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "Milagre"*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.
- CORTÁZAR, Julio. *Histórias de cronópios e de famas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- EWALD, François. Apresentação. Em: *Cadernos de subjetividade. Número especial Gilles Deleuze*, junho, 1996.
- JACÓ-VILELA, Ana M.^a; JABUR, Fábio e RODRIGUES, Heliana de B. Conde. *Clio-Psyché: histórias da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 1999.
- RIDENTI, Marcelo e REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do marxismo no Brasil – vol. V: partidos e organizações dos anos 20 aos 60*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2002.

¹ De acordo com a análise institucional, os movimentos instituintes são aqueles que irrompem num dado momento da história e que tiram as coisas de seus lugares demarcados, que estava institucionalizado. Os movimentos instituintes provocam o caos, desorganizam o que antes estava organizado. A esses movimentos, segue o momento de institucionalização que captura alguns desses movimentos irruptivos, tornando-os uma nova norma geral. Essa é a forma como os autores da análise institucional interpretam os movimentos que produzem a história. O que foi instituído é interpelado pelo instituinte que, em alguns pontos, em alguns momentos, é apreendido sob a forma de nova regra. Importante ressaltar que esses movimentos não se substituem ao longo do tempo; acontecem "tudo ao mesmo tempo agora". O que me interessa dessa idéia é a potência característica dos movimentos instituintes, eles continuam a vibrar, têm potência. Por isso a *Rádice* é instituinte.

² Estas são as "identidades secretas" das professoras Ana Maria Jacó-Vilela e Heliana de Barros Conde Rodrigues, mas não estamos autorizados a revelar quem é quem.

³ Título do livro-referência de Cecília Maria Bouças Coimbra sobre a psicologia nos anos 70. Ver Coimbra, 1995.

⁴ A expressão "efeito-Rádice" foi apropriada de Heliana de B. C. Rodrigues que, ao se referir ao institucionalista René Lourau, cunhou a expressão "efeito-Lourau".

⁵ Carlos Ralph Lemos Vianna, um dos "pais" da *Rádice* tem colaborado com minha tese, doando materiais e concedendo várias entrevistas. Depois da *Rádice*, publicou o jornal *Luta & Prazer*, permanecendo neste apenas nos primeiros números, desvinculando-se em 1984; em seguida publicou a revista *Orgón* que teve apenas um único número. Em 1985, participou da "Caravana Voadora" do Circo Voador, projeto cultural do Rio de Janeiro, elaborado por Mário Portella e Márcio Galvão que percorreu o país, do Rio de Janeiro até o Maranhão, documentando a diversidade cultural do Brasil. O nome de Carlos Ralph está ligado às Terapias Corporais e à difusão do pensamento de Willhem Reich e A. Lowen no Brasil. Atualmente, viaja pelo Brasil ministrando cursos, *wokshops*, palestras e organizando diversos encontros nos quais são debatidas essas temáticas. Também trabalhou fora do país acompanhando pacientes com câncer na Argentina. Ralph nunca abandonou seu lado "comunicólogo": hoje dirige o jornal *Qualitá!*, órgão

informativo do Espaço Saúde, localizado no Rio de Janeiro, com circulação no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis.

⁶ A Ação Popular (AP) teve suas origens no grupo Juventude Universitária Católica (JUC), criado nos anos 50. Porém, não podemos relacioná-la apenas a essa origem, pois foi se unindo a várias tendências de esquerda ao longo de sua história, culminando em 1973 com a integração ao Partido Comunista do Brasil (PC do B). A história da AP é representativa de outras histórias de grupos cristãos em toda a América Latina que passaram a defender as idéias marxistas, principalmente o marxismo-leninismo (RIDENTI e REIS FILHO, 2002).

⁷ Expressão utilizada por Ralph, para se referir à Revista, presente em vários editoriais.

⁸ Número 5: Macumba; número 6: Tortura; número 7: Hospitais psiquiátricos brasileiros; número 8: Sexo; número 9 e 10, as transformações no campo da assistência psiquiátrica na Itália, primeira matéria internacional da *Rádice*, as transformações no campo da assistência psiquiátrica na Itália.